

IMAGENS DOCENTES NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: A PROFESSORA DO CHICO BENTO

RESUMO

O presente artigo é resultante de uma parte de uma dissertação de mestrado cujo objetivo principal foi verificar as concepções de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental sobre o *ser professor*. Por meio de entrevistas semiestruturadas, as crianças de uma escola pública de uma cidade da grande São Paulo foram questionadas sobre produções midiáticas que elas apreciavam e que apresentavam a figura de professores. Dentre outras, apontaram a professora do Chico Bento, que foi escolhida como objeto desta breve análise. As crianças entrevistadas frequentavam a mesma escola em 2012, quando foi realizada a pesquisa e pertenciam a contextos sociais de classe média e baixa. Assim, o objetivo deste artigo é analisar a representação docente presente nas histórias em quadrinhos de Mauricio de Sousa, em específico na revista *Chico Bento*, para identificar as características das imagens docentes presentes nesta produção cultural e suas possíveis contribuições para a construção e/ou perpetuação das concepções de professor encontradas neste tipo de mídia. As reflexões foram elaboradas tendo como referenciais teóricos autores como Arroyo, Esteve, Tardif e Lessard, Marcelo Garcia, Nóvoa, na interface da identidade do professor. O suporte teórico na linguagem quadrinística está baseado em autores como Groensteen, Ramos, Vergueiro e Chinen. A pesquisa evidenciou que a professora do Chico Bento traz a imagem de docente voltada à aprendizagem e aos conteúdos escolares, reforçando as ideias de ascensão social por meio da escola e de valorização do trabalho do professor como aquele cuja principal função é ensinar. A preocupação em articular a linguagem quadrinística com a pesquisa empírica e os referenciais teóricos estudados parte da ideia de pensar os quadrinhos como arte, pois a mesma possibilita a saída do âmbito essencialmente textual para o mundo do ícone, que demanda entendimento e fruição.

PALAVRAS-CHAVE: imagem docente; linguagem quadrinística; ensino fundamental.

INTRODUÇÃO

Superada a época em que os quadrinhos eram marginalizados, vistos como algo que afastava os jovens e crianças do universo cultural, como uma leitura maléfica ou até mesmo empobrecida, nos encontramos numa plataforma mais segura mesmo que ainda não totalmente reconhecida, pois já nos é possível perceber, devido ao grande número de pesquisas na área acadêmica, que a considerada por alguns como “nona arte” vem ocupando espaço significativo nas diversas áreas das humanidades. A linguagem peculiar dos quadrinhos, com sua narrativa própria, por meio da imagem gráfica e da palavra, solicita do leitor uma participação mais do que “alfabética”, sendo ativa e envolvente devido à sua riqueza e beleza, ainda que alguns não reconheçam seu valor.

Como podemos perceber, as Histórias em Quadrinhos da *Turma da Mônica*, criação do desenhista Maurício de Sousa, atraem não somente as crianças, mas o público em geral. Cório (2006, p.19) ressalta que elas “resistem ao tempo e ao espaço”, apesar da concorrência do mercado e da larga utilização de outras fontes de entretenimento como videogames, televisão, computadores, internet etc. É notável que estas histórias foram apropriadas por algumas destas mídias, podendo ser encontradas em episódios completos no *You Tube*, em jogos de videogames e em desenhos animados produzidos para a televisão.

O personagem Chico Bento foi criado em 1961 e, segundo Cório (2006), apresenta características que o diferenciam dos outros personagens da *Turma da Mônica*. Ele vive no campo, tem um jeito particular de falar, seu estilo de vida é simples e apegado à natureza em contraposição à agitação da vida urbana e aos valores do capitalismo. Cório (2006, p.18) afirma que “o amor, a honestidade, a coragem e a simplicidade” são as principais características do personagem, sendo uma referência à idealização do homem do campo do Brasil rural no início do século XX.

Contrariando o número de componentes da família de Chico Bento que não corresponde à média das famílias brasileiras que vivem num contexto rural – filho único – Chico convive de maneira harmoniosa com seus pais, sendo um filho obediente e amoroso, contanto às vezes cometa alguns deslizes e “traquinagens”. O personagem tem sete anos e frequenta a escola. Apesar de suas “dificuldades de aprendizagem”, Chico tem um bom relacionamento com Dona Marocas, sua professora, personagem que é foco desta análise. O objetivo deste trabalho é refletir sobre alguns aspectos da imagem docente que podem ser observados a partir da personagem Dona Marocas.

Escolhemos uma personagem de histórias em quadrinhos por se tratar de uma linguagem que integra palavras e imagens, fator que potencializa e facilita a comunicação. A personagem D. Marocas foi escolhida por ser a representação de uma professora brasileira, que trabalha num contexto social modesto e se esforça para que seus alunos aprendam os conteúdos escolares. Tendo como foco os professores do Ensino Fundamental I, esta breve análise sobre a professora do Chico Bento pode nos ajudar a refletir sobre o que é ser professor e como a sociedade brasileira, de modo geral, vê este profissional.

IMAGENS DA DOCÊNCIA

O que é ser professor? Como as crianças veem a docência? Como a sociedade vê o profissional que trabalha nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Diversos autores têm se preocupado com o trabalho docente e com a imagem social dos professores e da escola.

A situação atual dos professores pode ser analisada levando em conta as mudanças sociais que têm transformado o seu trabalho (ESTEVE, 1995, p. 95). Vivendo num momento histórico de profundas transformações, é possível inferir que a identidade docente não seja única e coerente, mas sim múltipla, dinâmica, em constante renovação.

Segundo Arroyo (2010), as imagens de professor são construções sociais e, portanto, são influenciadas pelo contexto e pelo momento histórico em que são elaboradas. Assim, numa mesma localidade, é possível conviver com diferentes concepções de professor, de ensino e de escola.

De modo geral, o ambiente em sala de aula é instável e os humores, necessidades e interesses dos alunos podem variar em questão de minutos. Há diversos outros fatores que interferem neste tempo de ensino e aprendizagem, tais como o tipo de formação recebida pelo professor e as características socioculturais dos alunos e da equipe escolar. Além disso, o que deu certo num dia nem sempre dá certo no outro e, apesar das intercorrências, a aula tem que acontecer.

A questão sobre a identidade docente que se revela através das imagens de professor como artista e improvisador, por exemplo, nos leva a reflexões que se relacionam aos aspectos do *ser*, *saber* e *fazer*. Portanto, é interessante delinear o conceito de identidade para uma melhor compreensão das imagens do professor. De acordo com Silva (2000), a identidade pode ser considerada múltipla, instável, contraditória, fragmentada e inacabada; está ligada a sistemas de representação e tem conexões com as relações de poder.

Hall (2006, p. 12-13) afirma que o conceito de identidade passou por profundas transformações e que a própria identidade é uma “celebração móvel”, isto é, o indivíduo assume identidades diferentes em momentos diferentes. Há dentro de nós “identidades

contraditórias empurrando em diferentes direções” (p.13). Atualmente, temos uma concepção de sujeito fragmentado, composto de várias identidades. De acordo com Hall (2006, p. 12), “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático”.

Em síntese, a identidade é uma construção social, dinâmica e evolutiva. É difícil separar os aspectos individuais dos aspectos sociais da identidade, pois a construção da mesma depende sempre do retorno de informações vindas dos outros. Há uma reciprocidade no reconhecimento subjetivo, portanto uma ênfase no processo relacional. No entanto, há sempre uma divergência entre a autoidentificação e a heteroidentificação, pois o modo como nos reconhecemos nem sempre é equivalente ao modo como os outros nos reconhecem. Segundo Melucci (2004, pp. 45, 48):

A identidade define, portanto, nossa capacidade de falar e de agir, diferenciando-nos dos outros e permanecendo nós mesmos. Contudo, a autoidentificação deve gozar de um reconhecimento intersubjetivo para poder alicerçar nossa identidade. A possibilidade de distinguir-nos dos outros deve ser reconhecida por esses ‘outros’[...]. A construção da identidade depende do retorno de informações vindas dos outros [...]. A identidade contém uma tensão irresolvida e irresolvível entre a definição que temos de nós mesmos e o reconhecimento dado pelos outros. A identidade comporta uma divergência entre a autoidentificação e a identificação fornecida pelo ambiente externo.

No caso da docência, as mudanças paradigmáticas e os descentramentos resultantes das profundas transformações sociais dos últimos anos provocaram o que Esteve (1995, p. 97-98) chama de “mal-estar docente” que afeta os professores em três dimensões básicas: o ser, o saber e o fazer, os quais fazem parte da construção da identidade.

A questão do *ser* está diretamente ligada à identidade. O sucesso profissional hoje parece ser determinado predominantemente por critérios econômicos e assim o professor é desvalorizado socialmente em função de sua baixa renda salarial, sendo considerado como alguém incapaz de exercer uma profissão melhor remunerada (ESTEVE, 1995, p. 105). Segundo esse autor, o professor passa a interiorizar o que a sociedade diz e isso somado às difíceis condições de trabalho resulta em autoestima negativa, culpa e sensação de fracasso. Além disso, há profissões que não dependem de certificação escolar e que são socialmente valorizadas e bem remuneradas.

Os aspectos socioafetivos são determinantes na questão do *ser* e incluem as interações sociais com os pares, familiares, mas especialmente com os alunos. Abud e Silva (2007, p. 261-272) evidenciam que não basta ao professor conhecer profundamente os conteúdos a serem ensinados. Ele precisa saber gerenciar as relações com os alunos, precisa exercer liderança, ser empático e ter uma personalidade cativante. Essas autoras colocam que a personalidade do professor pode ser entendida como uma “tecnologia de trabalho” (p. 267), por ser um fator decisivo para promover a aprendizagem. As autoras também destacam a importância que os aprendizes atribuem aos valores éticos, pessoais e morais vivenciados por seus professores.

A questão do *saber* está ligada ao pensamento e relaciona-se mais diretamente com as representações sociais, entendidas neste trabalho como

uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem (SÊGA, 2000, p. 128).

De acordo com Melucci (apud Vianna, 1999, p. 51) “a identidade é o conjunto de representações do *eu* pelo qual o sujeito comprova que é sempre igual a si mesmo e diferente dos outros.” As representações passam sempre por interpretações e pela subjetividade. Não se trata necessariamente da realidade, mas sim do que se pensa sobre ela.

No decorrer da história surgiram diversas representações da profissão docente e as imagens de sacerdote e de trabalhador coexistem com ela ainda hoje no Brasil. Paradoxalmente são representações masculinas numa profissão predominantemente feminina. De acordo com Vianna (1999, p.65), no início do século XX, no Brasil, a imagem de sacerdote dava legitimidade pública à profissão docente. Os professores eram vistos como “sacerdotes da República” e sua identidade era marcada pela vocação e pela abnegação. Naquela época, o CPP (Centro do Professorado Paulista) “defendia o compromisso do professorado de formar futuras gerações e de respeitar as autoridades governamentais” (p. 65).

Com o desenvolvimento urbano e industrial e a universalização do ensino, os salários e as condições de trabalho dos professores foram se degradando. Isso trouxe novas

formas de expressão coletiva da categoria. Embora de forma fragmentada, muitos docentes passaram a promover greves e a denunciar publicamente suas precárias condições de trabalho. Muitos passaram do associativismo para o sindicalismo. A APEOSP (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) passou a divulgar a imagem do professor-trabalhador, intensificando as reivindicações por melhores salários e a luta contra a degradação da escola pública, de acordo com seus próprios interesses. Mas, segundo Vianna (1999), não houve uma ruptura nem uma passagem da imagem de sacerdote para a de trabalhador. As imagens sobre a docência continuaram múltiplas e ambivalentes, muito embora o modelo de sacerdócio tenha sido duramente criticado pelos acadêmicos e por muitos professores nos anos 80. Segundo a autora, a imagem de professor-trabalhador foi “fragilmente assimilada pela base do professorado, resultando em ambiguidades e na tensão entre as diferentes imagens que ocupam a trajetória da organização coletiva do magistério” (p. 67).

Vianna (1999) também afirma que apesar dos movimentos de liberação feminina, a ligação entre passividade e gênero feminino persistiu e essa ideia de passividade foi incorporada à identidade docente, por ser uma profissão exercida predominantemente por mulheres (p.68). De modo geral, as representações de professor nas Histórias em Quadrinhos consideradas mais populares se referem à figura feminina. Além da D. Marocas, temos Miss Wormwood (ou Dona Hermengarda), professora do Calvin (personagem criado pelo norte-americano Bill Watterson, em *Calvin & Haroldo*). Trata-se de uma senhora aparentemente de meia idade, que usa óculos e se veste de modo austero. Nas histórias da Mafalda, criação do cartunista argentino Quino, todas as professoras são mulheres. Na *Turma do Charlie Brown (Peanuts)*, criação de Charles M. Schulz) também temos professoras, mas com um dado interessante, tanto dos desenhos animados quanto nos quadrinhos: as crianças conversam com elas, mas não vemos suas imagens, nem compreendemos o que elas dizem.

Em relação ao *fazer*, notamos que as aceleradas mudanças sociais no período chamado de pós-modernidade alteraram de modo significativo o *fazer* dos professores no cotidiano escolar. Esteve (1995, p.100) nos chama a atenção para o aumento das exigências em relação ao professor, que precisa assumir cada vez mais responsabilidades, as quais

incluem facilitar a aprendizagem, organizar o trabalho, cuidar do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, gerir a interação social, promover a inclusão e a aprendizagem de alunos especiais, dentre outras.

Perrenoud (2000) coloca dez competências que são exigidas hoje dos profissionais da educação, dentre as quais destacamos trabalhar em equipe, participar da administração da escola, utilizar novas tecnologias e envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho. Há bem pouco tempo essas competências não faziam parte do *saber-fazer* exigido na profissão docente.

Assim, para responder à questão “o que é ser professor?”, podemos considerar, além dos aspectos voltados para a construção de sua identidade mencionados anteriormente, seu contexto de trabalho, o seu cotidiano e algumas representações docentes encontradas na mídia, como as histórias em quadrinhos que, embora elaboradas por autores em diferentes épocas e localidades, retratam uma visão de professor que parece se perpetuar no imaginário popular. Cório (2006, p. 60) afirma que “o consumo em massa das revistas em quadrinhos pode ser o reflexo da identificação do indivíduo contemporâneo com as histórias”. Esta identificação pode se dar tanto por parte dos alunos quanto dos próprios professores.

No caso da nossa pesquisa pudemos verificar que, na visão dos alunos do 5º ano da escola pesquisada, ser professor é ensinar. Para eles, a identidade docente se funde em sua principal tarefa: o ensino.

Analisando as visões dos alunos acerca do *ser professor*, pudemos perceber que eles veem o professor como alguém que estudou bastante, que trabalha muito, ganha mal, se preocupa com os alunos e pode contribuir para que eles tenham um futuro melhor. Os alunos veem o trabalho docente como algo que exige muita responsabilidade e muita paciência. Estes aspectos foram ressaltados nas entrevistas e também podem ser notados nas histórias em quadrinhos de Maurício de Sousa, em especial na figura da D. Marocas, como veremos a seguir.

UMA PROFESSORA CENTRADA NA APRENDIZAGEM

D. Marocas, a professora do Chico Bento nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, traz a imagem de uma professora que se importa com o conhecimento dos conteúdos ditos escolares. Ela se mostra preocupada em avaliar seus alunos, faz perguntas e fica desconsolada e às vezes brava com a ignorância deles, e nisso que reside a graça da maior parte das histórias.

De acordo com Lemes (2005, p. 2),

A função docente, nas histórias do Chico Bento, é desempenhada pelo estereótipo consagrado de mestra. Trata-se da representação da professora tradicional circulante nos produtos culturais de nosso cotidiano. Como não podia deixar de ser, a docência é atribuída a uma personagem feminina, reforçando a feminização do trabalho docente: Dona Marocas, a professora da escola de Chico Bento, em todas as histórias, apresenta compondo o mesmo visual - cabelo amarrado em coque, óculos, sapato baixo, brincos discretos, roupas que alternam entre conjunto saia/ blusa e vestido, mas ambos na altura dos joelhos - é representada, também, por uma composição carregada de “emblemas” da profissão, como livros, régua, e materiais afins.

A professora do Chico Bento usa óculos (que no imaginário popular, de modo geral, caracteriza pessoas estudiosas) e, como aponta Lemes (2005), diverge da imagem sisuda e assexuada de professoras de outras produções em quadrinhos, como *Mafalda*, *Calvin & Haroldo* e a *Turma do Charlie Brown*.

Dona Marocas está sempre empenhada em fazer com que seus alunos aprendam. Ela representa o que muitos chamariam, numa concepção do senso comum, de uma professora “tradicional”, que dá provas e trabalhos, esforçando-se para que seus alunos compreendam os conteúdos. É amorosa, paciente e exige que seus alunos estudem.

Num dos episódios da *Turma da Mônica* exibidos no *You Tube*¹, a professora propõe um problema de aritmética para o Chico Bento resolver. Ao lhe fazer a pergunta, ouve-se o sinal para terminar a aula. Ele não sabe responder e a professora não o faz por ele, ao contrário, pede para ele trazer a solução do problema no dia seguinte. Em diversos episódios, ela elogia seus alunos e os incentiva a estudar.

Estes aspectos que se referem aos elogios e estímulo aos estudos são notados em diversas histórias que envolvem a professora. Na revista *Chico Bento* (SOUSA, 1994, p. 33), a professora elogia o protagonista e afirma estar orgulhosa do trabalho que ele fez. O

¹ Chico Bento na escola. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=1dwRxi8Ski0>> acesso 21/set/2013.

mesmo ocorre na história “Quem cola...” (SOUSA, 1992, p. 30-33), que mostra o Chico preocupado porque acreditava ter ido mal numa prova. Ao sair da escola, ele encontra um jovem que o incentiva a “colar” nas provas escolares. Depois dos maus conselhos, aparece o jovem em apuros, fazendo a prova do vestibular, sem conseguir “colar”. No final da história, eles se encontram novamente e o Chico Bento relata que foi bem na prova por ter estudado. Ele recebe o elogio de sua professora: “Parabéns, Chico! Sua prova foi a melhor da classe!” O mesmo acontece na história “Espelho quebrado” (SOUSA, 1999, p. 20), quando a professora diz: “Você tirou um dez! Parabéns!”.

A professora do Chico Bento nos apresenta a imagem de uma mestra dedicada, centrada nos conteúdos escolares e preocupada em fazer com que seus alunos adquiram conhecimentos. No *Almanaque do Chico Bento* (SOUSA, 1997, p. 60-62), andando pela vila, a professora fica indignada ao se deparar com a escrita errada das placas dos estabelecimentos comerciais. Ao ver a palavra “Pharmassia”, ela afirma: “Vejam só como escreveram “Farmácia”! Argh! Isso me deixa doente!”. Assim, vemos a imagem de uma professora que se preocupa com a norma culta e com a aquisição do conhecimento por parte de seus alunos e das pessoas em geral.



Figura 1 - Parte da história “Tá errado ou está certo?”

Fonte: SOUSA, Maurício. *Almanaque do Chico Bento*, nº 40. São Paulo: Globo, agosto 1997, p.61

D. Marocas é mais um exemplo de personagens de produções humorísticas que representam a escola de educação básica e acabam “reforçando e conformando por meio da linguagem cômica alguns papéis sociais” (PORFÍRIO, 2011, p. 90). Para a autora,

O gênero humorístico enfatiza os aspectos distintos, ora enfatizando a memorização de conteúdos tidos como escolares, ora priorizando o afeto, o vínculo e amizade dos alunos, além de todos mostrarem um conjunto de crenças e postulados sobre os modos de ser aluno, professor e organização da sala de aula (PORFÍRIO, 2011, p. 90).

De acordo com Tardif e Lessard (2007), “instruir é uma atividade social” (p.7) e “a docência é um trabalho de interações, um trabalho sobre e com o outro” (p.11). As interações da D. Marocas com o Chico Bento e os outros alunos perpassam não somente por aspectos relacionados ao ensino dos conteúdos, mas também por questões sociais. Aqui, abre-se um parêntesis para a importância dos quadrinhos na educação enquanto possibilidade de ampliação de leitura de imagens, reflexão e análise de um contexto. Segundo Groensteen (2004, p. 42), “ler as imagens, compreender suas ligações, provar as qualidades próprias de um desenho, isto se aprende, ou, antes, isto se deveria aprender.” Esta ideia é confirmada por Vergueiro, Ramos e Chinen (2013, p.7) quando afirmam:

As histórias em quadrinhos têm uma forma de narrativa própria, composta ao mesmo tempo por imagem e palavra, que exige uma participação intensa e constante de seu leitor, tornando-o ao mesmo tempo receptor e construtor da mensagem. Nenhuma outra linguagem faz isso.

Voltando às questões sociais, Arroyo (2010, p. 125-128) afirma que a escolha pela profissão docente está ligada às funções sociais da escola e também à origem social dos professores. Há uma cosmovisão incorporada a este ofício e os professores a concretizam. Ele aponta o fato de que a maioria dos alunos dos cursos de Pedagogia, por exemplo, estuda e trabalha. Assim, têm menos tempo para se dedicar aos estudos, menos tempo para pesquisa e reflexão, o que afeta o nível dos cursos e a autoimagem de professor e de sua profissão.

Arroyo (2010) ainda afirma que, apesar da baixa remuneração e da desvalorização social do trabalho docente, o magistério ainda é visto pelas classes populares como possibilidade de ascensão social. Destaca que:

A imagem que a sociedade nos passa do magistério como uma ocupação fácil, feita mais de amor, de dedicação do que de competências, essa imagem desastrosa, mas tão divulgada, vem colar com a autoimagem de despreparo que foram acumulando os adolescentes e jovens dos setores públicos. A sociedade reforçada por um sistema escolar seletivo, credencialista e meritocrático vai convencendo os adolescentes e jovens das camadas populares que seu preparo e sua herança cultural não dão para grandes voos profissionais, ao mesmo tempo essa sociedade passa a imagem deturpada de que para professor (a) de escola qualquer preparo serve... (ARROYO, 2010, p. 127-128).

A personagem D. Marocas parece se contrapor a estas imagens destacadas por Arroyo, no sentido em que está mais voltada aos conhecimentos escolares e à avaliação dos alunos. Ela é respeitada em seu contexto e valorizada por seus saberes. Prepara suas aulas e está sempre disposta a aprender mais.



Figura 2 - Parte da história “A menina”

Fonte: SOUSA, Maurício. *Chico Bento*, nº 98. São Paulo: Panini Comics, Fevereiro 2015, p. 10

Nas histórias do Chico Bento a questão da ascensão é geralmente relacionada aos estudos e à aquisição de conhecimentos escolares, o que nos remete a um modo de pensar característico do contexto escolar brasileiro do início do século passado.

De acordo com Almeida (2006) chegamos ao final do século XX com um novo panorama educacional, marcado principalmente pela descrença nas ideias do liberalismo republicano e na constatação de que a escola já não era mais o principal meio de ascensão social. Para Almeida, a educação continua a serviço do poder vigente, predominando hoje (ela escreve em 2006) “uma ideologia basicamente voltada para a evolução da economia” (p. 101). O magistério ainda é exercido majoritariamente por mulheres, mas a autora ressalta a importância da atuação conjunta de homens e mulheres no ambiente escolar. Segundo ela,

Professores e professoras são os principais encarregados da educação das crianças e jovens, num momento social em que se decreta uma falência estatal em assegurar os direitos plenos de cidadania à população e no qual as famílias veem pesar sobre seus ombros a necessidade maior de sobrevivência material (ALMEIDA, 2006, p. 106).

É nesse contexto educacional brasileiro que a revista *Chico Bento* e as demais produções que dela derivam têm contribuído para preservar a imagem da docência ligada ao saber e à aprendizagem.

De acordo com Nóvoa (2007), mais recentemente, as atenções da sociedade têm se voltado para o trabalho dos professores, na expectativa de que eles realizem as tarefas que o Estado e a família, de modo geral, não estão dando conta de fazer. Estas tarefas se referem principalmente à preparação do educando para a vida e para o trabalho. Segundo Nóvoa (2007, p. 1), “estamos a assistir, nos últimos anos, a um regresso dos professores à ribalta, depois de quase quarenta anos de relativa invisibilidade”. Os olhares agora parecem voltar-se para o problema das aprendizagens e “quando se fala em aprendizagens fala-se, inevitavelmente, de professores”.(NÓVOA, 2007, p. 1).

Segundo o mesmo autor,

os professores reaparecem, neste início do século XXI, como elementos insubstituíveis não só na promoção da aprendizagem, mas também no desenvolvimento de processos de integração que respondam aos desafios da diversidade e de métodos apropriados de utilização das novas tecnologias (NÓVOA, 2007, p. 2).

As ideias expostas até agora mostram uma das contradições da sociedade atual: ao mesmo tempo em que o magistério é geralmente mais atraente para os que vivem nos meios populares, a sociedade está a exigir mais empenho deles como educadores, tanto no que tange à aprendizagem de conteúdos escolares, como dos comportamentos socialmente aceitos e da preparação dos estudantes para um mercado de trabalho em que os postos são cada vez mais escassos e cuja acessibilidade depende de uma formação escolar de boa qualidade, ainda que não necessariamente vinculada ao exercício de uma determinada área do fazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta breve análise da representação docente presente nas histórias em quadrinhos de Mauricio de Sousa, em específico na revista *Chico Bento*, evidenciou que D. Marocas traz a imagem de docente voltada à aprendizagem e aos conteúdos escolares, reforçando as ideias de ascensão social por meio da escola e de valorização do trabalho do professor como aquele cuja principal função é ensinar.

As respostas dadas pelos alunos entrevistados enfatizaram o fazer docente (“ensinar”), mas também destacaram a importância do saber (“é preciso estudar bastante para ser professor”). Esses dados parecem coincidir com a imagem da professora Marocas e as ideias que perpassam as histórias protagonizadas por ela e por Chico Bento, o que sugere uma perpetuação das concepções de professor mais diretamente ligado aos conteúdos escolares e à aprendizagem de seus alunos.

Na interface dos quadrinhos, entendemos que é necessário ir além da simples leitura de imagem. As histórias em quadrinhos são muito mais do que um suporte para entretenimento de fácil compreensão. Promover o gosto pela linguagem quadrinística reconhecendo-a como arte pode abrir caminhos para reflexões sobre aquilo que está no âmbito da imagem, mas extrapola o aspecto visual.

Desse modo, parece interessante também em relação à imagem docente, ampliar pesquisas envolvendo os diferentes aspectos do papel dos professores na sociedade atual, uma vez que é possível notar um aumento das exigências em relação ao seu trabalho, o que pode levar a um distanciamento de sua tarefa principal que é promover a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. S. (2006) “Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX”, in: SAVIANI, D. et al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. 2. ed. Campinas, SP: Editores Associados (Coleção Educação Contemporânea), pp. 59-107.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre. Imagens e autoimagens**. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CÓRIO, Maria de Lourdes Del Fáveri. **O personagem “Chico Bento”, suas ações e seu contexto: um elo entre a tradição e a modernidade**. Dissertação de mestrado apresentada ao curso de Pós Graduação da Universidade de Marília-SP, 2006. Disponível em: <
<http://www.unimar.br/pos/trabalhos/arquivos/e4412beedb3d14159774ae8aaefbea9.pdf>> acesso em 25/fev/2015.

ESTEVE, J.M (1995). “Mudanças sociais e função docente”, in NÓVOA, A. (org.). **Profissão Professor**. 2. ed. Porto: Porto Editora, p.94-124.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: SP&A, 2006.

GROENSTEEN, Thierry. **História em quadrinhos**: essa desconhecida arte popular. Tradução de Henrique Magalhães. João Pessoa: Marca da Fantasia, 2004.

LEMES, Adriana. **A escola do Chico Bento: uma análise cultural**. Anais do 15º congresso de leitura do Brasil. Universidade Luterana do Brasil, Rio Grande do Sul, 2005. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais15/Sem13/adrianalemes.htm> Acesso em 20/fev/2015.

MARCELO Garcia, Carlos. **Formação de professores para uma mudança educativa**. Portugal: Porto Editora, 1999 (Coleção Ciências da Educação século XXI).

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu**. RS: Unisinos, 2004.

NÓVOA, Antonio. **O regresso dos professores**. Palestra proferida na Conferência sobre Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade e para a equidade da aprendizagem ao longo da vida. Lisboa, 27 e 28 de setembro de 2007. Disponível em: <<http://escoladosargacal.files.wordpress.com/2009/05/regressodosprofessoresantonionovoa.pdf>> acesso em 10 de agosto de 2012.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

PORFÍRIO, L. C. **As narrativas escolares pelas lentes da cultura da mídia**: o humor como um campo de representação. Educação e Fronteiras on-Line, Dourados/MS, v. 1, n. 3, p. 80-99, set./dez. 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/viewFile/1518/pdf_100> acesso em 20/set/2013.

SILVA, E. R. ; UYENO, E. Y.; ABUD, M. J.M. (orgs.). **Cognição, Afetividade e Linguagem**. São Paulo: Cabral, 2007.

SILVA, Tomás Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomás Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOUSA, Maurício de. **Chico Bento**. Nº 148. São Paulo: Globo, 1992.

 JORNADAS INTERNACIONAIS DE
**HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS**
18 a 21 de agosto de 2015
Escola de Comunicações e Artes
da Universidade de São Paulo

_____. **Chico Bento**. Nº 198. São Paulo: Globo, 1994.

_____. **Almanaque do Chico Bento**. São Paulo: Globo, 1997.

_____. **Chico Bento**. Nº 330. São Paulo: Globo, 1999.

_____. **Chico Bento**. Nº 98. São Paulo: Panini Comics, 2015.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo; CHINEN, Nobu.(orgs.) **Os pioneiros no estudo de quadrinhos no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Criativo, 2013.

VIANNA, Cláudia. **Os nós do “nós”**: crise e perspectivas da ação coletiva docente em São Paulo. São Paulo: Xamã, 1999.